

**“IMAGENS PERVERSIVAS”:
A CENSURA CATÓLICA AOS FILMES EXIBIDOS EM FORTALEZA (1910 A 1930)**

Francisco Gildemberg de Lima*

A inserção das salas de cinema fixo na cidade de Fortaleza teve início a partir de 1908, com a inauguração do cinematógrafo *Art-Nouveau*, criado com o intuito de trazer o entretenimento das películas cinematográficas para os habitantes da cidade. A construção desse cine coincide com o processo de transformação pelo qual o cinema passava, deixando de ser um simples divertimento de feira de curiosidades e ganhando salas fixas de projeção de filmes produzidos por estúdios, atendendo assim a grande demanda do público que crescia em meio a curiosidade em conhecer essa nova tecnologia. Com isso, rapidamente, diversos espaços com esse intuito em diferentes lugares.

Entre 1908 e 1920 Fortaleza já possuía, aproximadamente, quatorze salas reservadas para a exibição de espetáculos cinematográficos, sedimentando assim uma nova forma de lazer também procurada pelos habitantes da cidade.

No entanto, à medida que as salas de cinema foram se expandindo, passaram a ser alvo de polêmicas geradas em torno de comportamentos e práticas adotadas por parte do público dentro dos cines como fumar e cuspir durante a sessão. Havia ainda as ações dos chamados *Bolinas*, homens que se aproveitavam da escuridão do espaço durante a projeção da película para assediar as moças ali presentes. Estes problemas causavam receio nas famílias em frequentar os cines, fazendo os frequentadores se preocuparem mais com o ambiente das salas. Nos jornais e revistas da época é possível encontrar diversas críticas feitas por senhores e senhoras pertencentes a grupos mais elitizados, que exigiam da polícia providências para acabar com tais práticas. É importante lembrar que as elites tinham acesso aos jornais e aos delegados de polícia, então encontramos apenas as suas reclamações nos periódicos. Isso não quer dizer que as famílias mais modestas não se preocupassem com o espaço da sala de cinema, pois como a questão moral tinha alcance mais amplo, havia também o receio das camadas populares com as moças que iam ao cinema e que poderiam ser assediadas pelos bolinas.

Outra polêmica levantada em torno das salas de cinema estava relacionada aos malefícios que a mesma poderia ocasionar à saúde das pessoas. À época, era comum que alguns jornais apresentassem notícias relacionadas às pesquisas feitas por médicos, comprovando que “a exposição contínua à imagem projetada pelo cinematógrafo em meio a

* Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: gil_demberg@hotmail.com



uma sala escura e isolada do mundo poderia gerar desordens na visão, ocasionadas pela trepidação e influência da luz” (STEYER, 2001, p. 205).

Na cidade de Fortaleza circulavam diversas falas e discursos a respeito do cinema e dos filmes e dentre esses, destacam-se aqueles ligados aos valores tradicionais do catolicismo.

A Igreja afirmava que o cinema poderia ocasionar além de infortúnios à saúde e incômodos desagradáveis àqueles que se aventurasse na escuridão da sala cinematográfica, o desvirtuamento de valores morais defendidos pelos preceitos do cristianismo. Essa apreensão do clero em relação ao cinema era algo que se seguia desde a sua criação no final do século XIX, e que abrangia também outros tipos de divertimentos comuns nas grandes cidades. Na sua concepção de protetora dos bons valores e costumes, os clérigos viam os primeiros anos do século XX como um período de grandes mudanças culturais que estavam guiando a sociedade para um caminho inverso aos preceitos religiosos. Essas transformações sociais em meio à vida urbana moderna em formação nas grandes metrópoles disseminavam novas tecnologias, hábitos e formas de pensar o mundo, onde o lado espiritual estava cada vez mais sendo deixado em segundo plano. Nesse sentido, elementos como o consumo de bebidas, danças, moda, etc., foram bastante criticados pela Igreja pelo fato de desvirtuarem as pessoas da moral católica.

No caso do cinema, os clérigos alegavam que as imagens traziam hábitos e práticas das grandes cidades que não condiziam com os valores e costumes defendidos pela Igreja tais como a prática da caridade, humildade, a fidelidade ao companheiro (a), o respeito à autoridade e a importância da cristandade. Estes poderiam ser facilmente invertidos através de cenas que contivessem elementos de avareza, ambição, desonestidade, infidelidade, interpretadas por personagens que em alguns filmes terminavam em uma boa situação sem receberem uma lição de moral, e isso poderia ser assimilado pelo público sem diferenciar a realidade da ficção. Diante disso, a Igreja católica passou a se posicionar contra o aparato técnico e seu crescente público no intuito de controlar de alguma forma a circulação das imagens reproduzidas no écran. Como afirma Alcântara:

Com o surgimento do cinema, a Igreja se defronta com a indústria cinematográfica, produtora e vendedora de sonhos repletos de mitos efêmeros, um veículo de comunicação de massa, que tem como matéria-prima o imaginário humano, que rompe fronteiras e se aloja no imaginário de cada indivíduo, caracterizando o Star System. Ciente do poder de penetração do cinema, que se torna rapidamente um fenômeno de massa, a Igreja percebe o perigo que a ronda, pois competem no mesmo campo simbólico. Ante esta indústria transcultural, a Igreja usa sua mais tradicional atitude: a censura (ALCÂNTARA, 1997, p. 12).



Esse tipo de censura era feita a partir de meios de controle e fiscalização do conteúdo dos filmes que eram exibidos. Com isso, criava-se a prática de fazer críticas às películas que contivessem cenas consideradas inapropriadas para o público e que eram divulgadas na imprensa católica. Posteriormente houve também a apropriação da tecnologia do cinema por parte da Igreja e a criação de salas de cinemas organizadas por grupos católicos com o apoio do clero. Assim, nesses cines católicos haveria uma seleção do que seria exibido, além de estratégias criadas pelos organizadores para manter o comportamento do público nos padrões vistos como adequados. No entanto, para que essa iniciativa desse resultado para os propósitos da Igreja tornava-se necessário apresentar para a população os potenciais de perigo aos valores morais e até mesmo os malefícios que os filmes e o ambiente da sala de cinema trariam as famílias. Nesse sentido, os jornais de orientação católica serão indispensáveis para o objetivo do clero de divulgar essas informações, ajudando assim na criação de um terreno propício para alertar as pessoas sobre a importância de consolidar um cinema que prezasse pelos bons costumes, dando apoio e popularidade aos cinemas católicos criados com esse intuito.

Em Fortaleza, as críticas em relação ao cinema começam a ser percebidas a partir de 1913, através de pequenos artigos feitos por clérigos no *Correio Eclesiástico*, periódico mensal de circulação interna entre os clérigos, que trazia já em seu primeiro número a preocupação com o cinema e suas consequências para a sociedade:

Hoje em dia menos que nunca faltam á Egreja as provações prometidas pelo divino mestre. O progresso é um instrumento de dois gumes, que manejado pelos bons é fator de virtude e santidade.

Estamos, é impossível negar, em tempos de intenso progresso. Não é de admirar que a irreligião, com isso pode lucrar. O livro, o jornal, a gravura, o telegrapho, o cinema, o theatro, o cartão postal, etc. Tudo se via para espalhar as objecções, as calumnias e ataques contra a santa religião (O CORREIO ECLESIASTICO, maio/1913, p. 13).

As críticas da Igreja católica com relação ao cinema e suas películas passaram a ganhar maior repercussão a partir da criação de uma imprensa católica da qual os cidadãos tivessem mais acesso. Tal objetivo ganhou concretude através dos jornais *Correio do Ceará*, fundado em 1915, e *O Nordeste*, fundado em 1922. O uso da imprensa foi uma das primeiras apropriações da Igreja, pois seu valor como meio de comunicação de amplo acesso na sociedade permitia à Igreja difundir melhor seus preceitos para a sociedade. Os clérigos tinham sobre a imprensa uma concepção similar a que tinham em relação ao livro: através das leituras se permitia a imaginação e a condensação do pensamento do autor e do leitor, sendo



que este poderia acabar sendo influenciado pelo pensamento do autor. Se o autor tiver um pensamento de boas aspirações e vontade, então sua escrita traria boas reflexões para quem a lesse; do contrário, “seria inserido na mente do leitor pensamentos e ideias de “má índole”, prejudiciais à moral cristã” (CHINIGO, 1959, p. 210).

Diversos foram os jornais e revistas fundados no Brasil com esse intuito e a Arquidiocese de Fortaleza também buscou nesse período fundar seu próprio jornal católico, concretizando-se no dia 2 de março de 1915 com o lançamento do jornal *Correio do Ceará*, o que foi muito bem recebido pela Arquidiocese. O *Correio Eclesiástico* lançou uma pequena nota falando sobre os objetivos e metas que este jornal iria cumprir:

A 2 do corrente appareceu o 1º número do paladino catholico do Ceará, entre applausos e sympathia unânime da sociedade de fortaleza e dos muitos assignantes do interior do Estado.

O novo diário tem uma bella meta a atingir: a defeza da religião e o bem moral da sociedade.

Respeitador das autoriadades públicas, sem cor política, seu fim é amparar todas as causas justas e nunca descer o terreno das investidas e das luctas pessoaes.

Nesse molde, a ninguém poderá offender, e será pelo lado noticioso, literário e ameno o 1º órgão da imprensa no Ceará.

É o seu redactor chefe o talentoso e abaladissimo jornalista Sr. Dr. Alberto Montezuma, nome conhecidíssimo na imprensa catholica.

Nomeou S. Exc^a . Ver. D. Manoel para assistente eclesiástico do novo jornal ao Ver. Padre Francisco Silvano de Souza, uma das glorias do clero cearense pelo seu character adamantino e illustração.

Negar-se a esta propaganda será para o Ver. Clero uma grande falta, pois periga a manutenção do diário, que tem a vencer dificuldades maiores do que qualquer outro jornal (O CORREIO ECLESIASTICO, março/1915, p. 43).

O jornal ganhou a alcunha de *Paladino catholico*, sendo um órgão ligado diretamente à arquidiocese de Fortaleza.

A circulação deste jornal ocorria diariamente como edição vespertina e possuía um formato idêntico aos demais jornais que circulavam na cidade, contendo editorial, notícias principais e artigos sobre assuntos diversos. Em seu conteúdo, eram publicadas matérias que buscavam focar mais as questões políticas nacionais e do estado do Ceará. O jornal continha também uma seção de telegramas informando notícias curtas sobre o que estava acontecendo no Brasil e no mundo; além de uma página desportiva, propaganda de filmes – independente do gênero – e possuía ainda a coluna *Cinema & theatros*, trazendo a programação das sessões das salas cinematográficas e das peças teatrais. Circulou de 1915 até o início de 1980 e nos seus primeiros anos de atuação, o *Correio do Ceará* assumiu declaradamente os propósitos da Igreja, divulgando matérias e artigos que traziam opiniões de caráter religioso e mostrando o pensamento dos clérigos sobre assuntos diversos como política, economia e assuntos



cotidianos da cidade. Algumas dessas publicações eram assinadas pelos próprios clérigos. Essa prática ocorria exatamente em artigos que abordavam questões de ordem mais reflexiva e religiosa, que envolviam referências à honestidade, pureza e boas ações. Em relação ao cinema trazia o apoio ao discurso católico, vendo o cinema como prejudicial ao público o conteúdo de várias películas exibidas.

Em 1917 o jornal lança em sua primeira página um pequeno artigo sobre os cinemas onde o periódico inicia o texto concordando com a fala de D. Manuel ao condenar alguns excessos das películas exibidas nos cines:

Os cinemas

Baseado na palavra vehemente e distinta do Sr. Dom Manuel, condemnando os excessos das representações cinematographicas, nesta capital, somos de relativo accordo, pois que já excedem a educação do meio taes fitas. Effectivamente estamos, em todos os sentidos, muito longe de pariz e, como é de se ver, a suggestão súbita induzida por taes representações, só poderão ser prejudiciais. Será melhor, como em outras partes: fitas vermelhas e fitas azues. Quem quizer reavivar o systema nervoso, irá ao cinema vermelho, quem quizer uma diversão agradável e moral, irá ao cinema azul (CORREIO DO CEARÁ, 30/03/1917).

A manifestação do discurso de forma sutil, através da concordância do periódico com a fala de Dom Manuel, demonstra que o jornal estava seguindo os propósitos para os quais foi criado. Outra questão relevante é perceber que a imprensa católica já estava atenta para os diferentes métodos de classificar os filmes em adequados ou inadequados. A afirmação de que seria melhor fazer igual a outros lugares e anunciar o filme em cartaz com fitas azuis para películas inofensivas e fitas vermelhas para aquelas com cenas “fortes e ousadas”, pode ser interpretada como uma sugestão que visa uma censura sobre os filmes exibidos na cidade. Ao mesmo tempo, a sutileza das fitas evitava qualquer tipo de alarde, pois classificar um filme como “indecente” nos jornais poderia ocasionar um efeito inverso: ao invés de conscientizar as pessoas a não assistirem ao filme, acabaria por ajudar na divulgação da película e deixar os habitantes mais curiosos em ver tais cenas. Além disso, a própria referência à Paris faz com que o texto assumira que a cidade de Fortaleza seja pequena e tradicional com costumes conservadores que deveriam continuar dessa forma, levando em consideração que Paris no começo do século XX era o lugar da modernidade.

Com o passar dos anos, o jornal começou a se desvincular bastante de seu caráter religioso. Após uma década de circulação, o *Correio do Ceará* passou a ter uma conotação política cada vez maior. Essa mudança, segundo Geraldo Nobre, ocorreu por conta do interesse cada vez maior por acontecimentos mundiais, consequência dos assuntos relacionados à Primeira Guerra Mundial, dando ao jornal “condições para se tornar um órgão

noticioso independente, ou seja, desligando-se do compromisso com os grupos de opinião” (NOBRE, 2006, p. 18). Entretanto, é possível que o alto custo da manutenção do jornal possa ter colaborado para o seu afastamento da Igreja, pois logo nas primeiras edições do jornal, o *Correio Eclesiástico* lançava notas das dificuldades em manter o funcionamento do *Correio do Ceará* e pedindo o auxílio dos padres, para lembrarem os fiéis de fazerem suas doações para o jornal continuar a circular na cidade.

Se por um lado essa mudança na conotação do *Correio do Ceará* foi positiva para a criação de um jornal autônomo e mais voltado para as questões políticas; por outro, acabou prejudicando os propósitos da Arquidiocese. Mas a experiência obtida com o *Correio do Ceará* dava novos impulsos às ações eclesiais. O clero cearense percebeu que seria mais vantajoso e cômodo apoiar a criação de jornais que partissem de grupos leigos ligados de alguma forma à Igreja católica. Dessa forma, a Arquidiocese de Fortaleza passou a apoiar a circulação do jornal *O Nordeste*, jornal autônomo, mas que possuía caráter religioso mais intenso do que o *Correio do Ceará*.

Desde sua criação, em 1922, e durante toda sua circulação, até o ano de 1967, o discurso religioso foi empregado em praticamente todas as suas notícias.

O próprio formato do jornal seguia uma conduta cristã. Logo na primeira página eram inseridas, no canto superior direito, pequenas frases de passagens da bíblia, ou mesmo frases que não eram baseadas nas escrituras sagradas, mas que traziam consigo um teor de orientação católica, como a que foi publicada no dia 4 de abril de 1928, em que dizia “o melhor governo seria uma theocracia, sempre auxiliada pela confissão” (O NORDESTE, 04/04/1928). Além disso, o jornal produzia artigos especiais em feriados cristãos, abrangendo, no mínimo, uma página inteira, com direito a diversas gravuras de diferentes tamanhos.

No lançamento de seu primeiro número, em 29 de junho de 1922, há uma fala de D. Manuel parabenizando o jornal pela empreitada e frisando sobre a forma como *O Nordeste* estava organizado. Mesmo sendo considerado como um periódico autônomo pelo próprio Dom Manuel, na prática, o jornal se colocava como “um veículo de propagação dos ideais e preceitos cristãos”:

Nascendo, sob os auspícios da religião, a cujos sublimes interesses se vae dedicar ainda que sem a feição de um jornal puramente religioso, merece O Nordeste nossos applausos e nossas bençams.

A semelhança do “Correio do Ceará”, também de orientação cathólica, não será elle organ official da arquidiocese, conservando-se autônomo dentro dos limites da disciplina e dos ensinamentos da Igreja (O NORDESTE, 29/06/1922).

D. Manuel, ao reconhecer a autonomia do jornal, não queria dizer que este não tivesse laços com a Arquidiocese de Fortaleza, já que o periódico foi fundado pelo próprio clérigo, e era sustentado em grande parte pelas assinaturas feitas tanto na capital como nos municípios vizinhos, com a ajuda dos padres na sua divulgação nas Igrejas espalhadas por todo o Estado. Sua autonomia estava no fato de ser coordenado não diretamente pelo bispo, mas por Andrade Furtado¹, redator-chefe e intelectual católico de destaque no período e homem de confiança de D. Manuel.

Esta confiança estava no fato de Andrade Furtado, professor da Faculdade de Direito, ser um defensor da educação pedagógica e religiosa como sendo as bases de tudo que havia de mais correto e digno na sociedade civil, principalmente a religiosa, que seria fundamental para a formação da ética dos cidadãos. Sua atuação no jornal *O Nordeste* significou não somente a inserção do pensamento religioso da Igreja nas notícias do periódico como também do próprio pensamento intelectual católico de Andrade Furtado, principalmente no que se refere ao discurso moralizante que o jornal possuía.

De forma prática, o jornal assumia em suas notícias um caráter católico e tradicionalista, condenando qualquer coisa que ferisse “os bons preceitos da moral cristã”. Ao abordar assuntos referentes aos chamados “malefícios da vida moderna”, como a moda, a dança e o cinema, o periódico colocava esses assuntos como perversores a serem combatidos, abordando-os sob uma perspectiva negativa no que se refere a sua má influência sobre a sociedade cristã, e como deveriam ser rejeitados pelas famílias de bem.

O jornal *O Nordeste* publicava também diversos artigos sobre os filmes exibidos nos cines de Fortaleza como afetando o desenvolvimento dos mais jovens por trazer um conteúdo que deixava marcas nas mentes do público menor de idade e afetando assim a sua forma de entender o mundo. No dia 29 de junho de 1928, o periódico publica um artigo que abrange três páginas, escrito por Lourenço Filho. O texto tinha como objetivo mostrar como os filmes poderiam ser potencialmente prejudiciais para as crianças e adolescentes. Para isso, o artigo inicia com diversos depoimentos de alguns jovens falando como saíam da sala de cinema impressionados com o conteúdo exibido na sessão cinematográfica que eles assistiam:

L. B. (12 anos) <<... a noite em que vou (ao cinema) passo em claro, com medo dos ladrões e dos bandidos das fitas; fico com tanto medo, que preciso ir dormir na cama da mamãe, abraçada com Ella. Não podem imaginar como me impressiono!>>

N. I. (13 anos) << Quando volto do cinema, começo a meditar na cama o que aconteceu na representação e muitas vezes não posso dormir>>.

N. C. P. (15anos) <<... os dramas fazem-me passar alguns minutos fóra de mim com o pensamento longe do lugar em que estou. As fitas cômicas são bobas e sem graça>>.



I. S. (14 anos) <<... as que mais aprecio são as dramáticas, mas não qualquer; só aquelas que são tristes, taciturnas (*) e originaes. Isola-se a minha alma de outros pensamentos >>, etc.

A. C. (14 anos) << Estas (as dramáticas), atraem, fascinam o espectador. Sinto uma sensação estranha ao ver uma fita dramática, acompanho comovida todas as passagens, esperando ansiosa o fim trágico. Fico às vezes, delirante, etc.

O. M. A. (13 anos) << Gosto das dramáticas, daquellas em que há luctas, tiros correrias a Cavallo, e um assumpto que entra todas as fitas dramáticas: o amor>>. (O NORDESTE, 29/06/1928)

As declarações são das mais diversas, mostrando como os mais jovens se impressionam ao ver os filmes, buscando afirmar o cinema como um grande influenciador nos pensamentos destes jovens. Este tipo de associação já era comum neste período e não se restringia apenas ao discurso pedagógico. A medicina também já atribuía à imagem cinematográfica um grande poder de convencimento do que é projetado como sendo verdadeiro para o público. Dessa forma, a exibição prolongada deste aparelho implicaria na formação mental dos indivíduos que tivessem o costume de ver filmes cinematográficos. O artigo continua:

Poderíamos dar dezenas e dezenas de documentos semelhantes, mas o que fica basta para que se faça uma idéa do poder de sugestão, de atracção românica, das pequenas phobias e, notadamente, nas meninas, a volúpia do melancólico.

Não pára ahi a influencia desorganizadora do cinema, todavia.

Podemos responsabiliza-lo como uma das maiores causas actuaes da inversão total do senso moral comum, da paixão da tragédia, do erotismo e da monomania homicida.

(...) os que declaram sonhar com as fitas e os que gostariam de imitar na vida este ou aquele artista da tela são muitos. O que demonstra que a força suggestiva é completa e pôde levar até á acção. (O NORDESTE, 29/06/1928).

Artigos desse tipo eram comuns de serem publicados nos jornais de orientação católica. Com isso, o discurso católico se apresentava baseado em complementos de outras áreas do conhecimento visando dar maior embasamento à sua fala. Logo, quando ocorria de algum filme exibido nos cines não agrada à Igreja, estes jornais logo se manifestavam censurando determinada película e usando os mesmos elementos de seu discurso.

Uma das primeiras fitas cinematográficas exibidas em Fortaleza a receber crítica fervorosa na imprensa católica foi o filme *Castidade*², tendo sua primeira sessão no cinema Riche no dia 23 de maio de 1916 e ganhando um artigo nada elogioso feito pelo *Correio do Ceará* no dia seguinte. O motivo era pelo fato da película trazer a atriz Audrey Mundson em cenas nas quais ela aparecia completamente nua, causando assim a curiosidade de alguns e a indignação de outros menos favoráveis a esse tipo de exibição. O artigo nos apresenta uma escrita em tom um tanto quanto revoltosa, aconselhando as famílias fortalezenses, quase como



uma ordem direta, a não assistirem ao filme, pelo fato do mesmo conter cenas de nudez da atriz principal:

A FITA DE HONTEM NO RICHE
A defesa do “Diario”.

Muito nos praz reasseverar hoje às famílias de Fortaleza que a fita, hontem exhibida no “cinema riche” e novamente levada hoje naquella casa de diversões, é altamente offensiva ao decoro público e não deve, de nenhum modo e sob qualquer pretexto, ser assistida.

Não admitimos que a apresentação, numa tela cinematographica, do vivo nu seja outra cousa que despudor e reproduza a falta de recato nas pessoas que freqüentem essa escola hedionda de lascívia e perversão (CORREIO DO CEARÁ, 24/05/1916)

O artigo ainda critica o jornal o *Diario do Estado* por este publicar as ilustrações do filme, ditas “obscenas” pelo periódico católico, e ainda afirmar que o nu exibido no filme era artístico, e admirado nos salões de arte em outras partes do mundo, o que faz o jornal católico sentenciar: “Uma estatua de mármore frio, num museu d’arte, é cousa bem diferente da exposição de uma mulher absolutamente despida, na tela de um cinema” (CORREIO DO CEARÁ, 24/05/1916). É interessante essa citação para compreendermos como as visões sobre determinados assuntos eram vistas a partir de valores diferentes dos dias de hoje. Ao comparar a exposição do corpo nu feminino em lugares de exibição diferentes, a notícia nos coloca a afirmação de que num museu isso seria permitido, pois este é o espaço apropriado para a arte e que não exhibia corpos humanos reais, mas sim objetos sem vida que não causaria muito escândalo; e que sendo exposto em outro lugar, mesmo com propósitos similares, não seria considerado arte. Logo, para a imprensa católica, uma cena de um filme contendo nudez não poderia ser arte quando inserido no ambiente da sala de cinema.

Sobre essa questão é importante frisar a força que um espaço físico possui, onde os objetos nele inseridos acabam “ganhando valores e sentidos próprios deste espaço que não teriam em outros lugares” (MANGUEL, 2000, p. 157-158). Portanto, havia a ideia de que o museu trazia consigo um campo de conhecimento onde seu espaço tinha uma finalidade ampla. Com isso, o que estivesse sendo exposto no espaço museológico seria aceito, pois se trataria de algo que teria a intenção didática.

A polêmica sobre o filme não parou apenas nesta notícia. Segundo Ary Leite, o próprio Luiz Severiano Ribeiro, dono do cine em questão, “foi se defender no *Diario do Estado*, mas acabou recebendo duras críticas na primeira página do *Correio do Ceará* no dia 25 de março de 1916” (LEITE, 1995, p. 262-263). O jornal fala como o filme vem perdendo o público de boa índole, em especial as senhoras, que na primeira sessão compareceram apenas sete, e na segunda sessão apenas duas. As críticas do jornal ajudaram na queda do número de

espectadores. Houve até mesmo redução no número de homens, já que na primeira sessão havia de 30 a 40 homens, e na segunda havia apenas 15 “numericamente contados” segundo o jornal, o que nos mostra como o *Correio do Ceará* estava em alerta, fiscalizando o número de pessoas que ainda estavam frequentando as sessões do filme, buscando saber se suas críticas estavam surtindo o efeito desejado pelos redatores do jornal.

As críticas aos filmes seguirão por toda a década de 1920, mas o interessante é que a partir do momento em que começam a serem exibidos filmes de caráter religioso, o discurso da Igreja muda. O fato de a película abordar temas e assuntos de interesse da Igreja faz com que os clérigos mudem o discurso de censura para incentivar que as pessoas fossem assistir a esses filmes. Um bom exemplo disso foi o caso de *A irmã Branca*, que ganhou um artigo na primeira página do jornal:

Uma óptima fita cinematographica.
“A irmã branca” ou “a serva de deus”

Accendendo a um convite da empreza cinematographica Ribeiro, desta capital, tivemos ocasião de assistir, hontem, à noite, no *Moderno*, à experiência do *Film – A irmã branca* ou *A serva de Deus* – dividido em 11 nitidos actos e focalizado pela fabrica *Paramount*.

È uma pellicula optima. Trata-se de um drama, de fundo catholico, cujo magnífico enredo desenrola-se na cidade de Napoles, nas vizinhanças do Vesúvio, apparecendo lindos aspectos do grande vulcão e uma erupção horrorosa do mesmo.

O *lei-motiv* de <<irmã branca>> é de alta attacção, prendendo o espectador durante todo o seu desenrolar, cheio de peripécias no mundo e outra no claustro de um convento, assistindo-se a toda uma bella cerimônia de votos de uma jovem que se entrega à vida religiosa.

Os scenarios são ricos e artísticos. Os actores tiram os seus papeis com muita alma, com muita emotividade.

Como se vê descripto acima, trata se de um esplendido film, como há muito não temos no Ceará (O NORDESTE, 13/01/1926).

O interessante aqui é a escrita de seu texto, pois sua linguagem empregada é similar à das revistas especializadas em cinema, na intenção de descrever os filmes do ponto de vista artístico. O texto traz elementos do discurso jornalístico sobre os filmes, ao abordar o enredo, que consegue “prender” o espectador, os “cenários ricos e artísticos”, a atuação dos atores e os “lindos aspectos”. Além disso, é interessante notar a qualificação do jornal para o filme logo no título, afirmando ser “uma óptima fita cinematographica”, dando-lhe assim um prestígio reconhecido pelo periódico. São usados termos próprios da crítica cinematográfica das revistas de cinema, como “beleza” e “modernidade” para exaltar a produção do filme. Em outras palavras, o jornal *O Nordeste* que até esse momento não divulgava notícias relacionadas a filmes, a não ser para censurar determinados filmes, agora lança notícias estruturadas de outra forma, com elementos da crítica cinematográfica. O elogio à produção



de películas do gênero religioso e sua divulgação chegavam a abranger metade da página do jornal.

Outro filme de caráter religioso bastante comentado pelo jornal foi *Os dez mandamentos*³, filme de grande produção contando com cerca de 200 artistas e 20.000 figurantes. Produzido em 1923 e distribuído pela Paramount, o filme chega em 1926 nos cinemas de Fortaleza. Os artigos sobre este filme são ainda mais constantes do que os referentes à *Irmã branca*:

“O cinema a serviço da religião”

“Os dez mandamentos”

Magnífica pellicula de fundo religioso

O cinema vem sendo, muito commumente o vehiculo pernicioso do mal. Sem embargo disso, porém, como a imprensa, é uma arma que a religião pode e deve usar, apropriadamente, para combater a acção infernal. *Similia similibus curantur...*

Ainda hontem, respigando uma notícia do osservatore romano, informamos aos leitores que a empresa cinematographica germânica <<Neuland>> está se aparelhando para a composição de films religiosos ou de fundamento puramente moral.

Apesar de, na maior parte, estarem as empresas de cinemas, confiadas a organizações a que pouco importa a moralidade ou amoridade das peças que compõem, de vez em quando vêm ao mercado pelliculas dignas do applauso dos mais exigentes na matéria.

É entre outras, o caso de *Quo vadis, Christum Justiça divina e Confissão*, que no parecer autorizado de Frei Pedro Sinzig, eram até pouco a última palavra no seu gênero.

Entre nós, rara é a ocasião, que se nos offerece, de apreciarmos na tela dos cinemas locações, um *film* rigorosamente bom.

Vêm os leitores, como, quase sempre, nos manifestamos sobre eles, julgando-os indignos da assistência das famílias catholicas.

Essa nossa attitude, inspirada no são intuito de velar pela moralidade social, por isso mesmo que se inspira em tão elevados escopos, não póde ser sytematica.

Por isso, julgamo-nos bem em nos referir, nestas linhas, ao *film* <<Os dez mandamentos>>, cuja próxima exhibição se annuncia.

Não o conhecemos ainda, mas louvando-nos na voz de Frei Pedro, não temos dúvida em elogiá-lo com as reservas que o illustre escriptor catholico lhe poe, quanto aos trajos que aparecem nos freqüentadores do palácio de pharaó, os quaes <<muito tem de comum com o que se vê, hoje, no theatro e... na sociedade, dando-se o mesmo na orgia em redor do bezerro de ouro, onde os israelitas, de costas despidas, cobrem a frente apenas com faixas peitoraes e adornos.

Apesar dessa reserva, Frei Pedro tece os maiores louvores à composição moral e technica da formosa pellicula, que reputa superior àquellas já acima citadas.

(O NORDESTE, 05/06/1926).

O artigo enfoca a importância da produção deste filme, não só para a sociedade, como também para a própria religião. Além de tecer diversos elogios por se tratar de uma película de caráter religioso, o artigo fala novamente sobre o cinema como “veículo de propaganda de perversões”. Usando o exemplo do filme exposto, defende o uso apropriado do cinema e a produção de películas de “fundamento puramente moral” e propõe a Bíblia como fonte para novas produções. Os comentários de Frei Pedro Sinzig, clérigo de destaque na

defesa pela censura de filmes impróprios e pelo bom “uso” do cinema, aparecem como elemento de autoridade e respaldo⁴. Mas nem mesmo os filmes religiosos escapam da crítica por cenas que contrariem os preceitos clericais, caso dos trajés usados pelos figurantes nas cenas do palácio do faraó, por mostrar suas costas nuas.

A repercussão sobre *Os dez mandamentos* prosseguiu mesmo após a sua estreia, e no dia 10 de junho de 1926, o filme voltou a ser notícia nas páginas do jornal. Dessa vez, os redatores haviam sido convidados pelo gerente da *Paramount*, responsável pela distribuição dos filmes na região Norte do país, a comparecer em a uma de suas sessões. Após a sessão, o periódico faz seus próprios comentários sobre o filme, não sendo muito diferente dos divulgados anteriormente:

Os dez mandamentos
Um lindo film da Paramount

Gentilmente convidados pelo Sr. Pedro Soares Germano, gerente da <<Paramount>> no Norte do Brasil, assistimos antehontem, à noite, no cinema Moderno, a uma sessão de experiência; dedicada ao clero e à imprensa, do admirável <<film>> americano <<Os dez mandamentos>>.

Dividida em 14 partes, essa película é uma formosa obra de arte, cheia de imponência que empolga e que entusiasma.

Ornado de música característica, o que lhe dá requentado realce <<Os dez mandamentos>> é um lindo trabalho cinematographico, em que se movimentam cerca de 20.000 figurantes.

A sua primeira época – aliás a melhor parte da fita – focaliza a história do cativo dos israelitas no Egypto, a sua fuga através do mar vermelho, guiados por Moisés, a entrega das taboas dos dez mandamentos, a adoração do bezerro de ouro, etc.

A segunda época, sensivelmente inferior àquella, representa um drama de vida moderna, em que se desenrolam scenas interessantes, embora vulgares.

Extermando-se o ilustrado Pedro Sinzig acerca desta cinta, fez certas reservas sobre algumas ligeiras scenas e trajos.

O mesmo pensar temos nós, ressaltando, também, outra reserva: apesar da excellente lição de moral que o <<film>> encerra, julgamos que só as pessoas de discernimento seguro podem assistir à sua exibição sem o receio de se deixarem empolgar pelas seduções perigosas do erro, que ali reponta (O NORDESTE, 10/06/1926).

Esses convites por parte da Paramount nos dão indícios de que havia uma ação de publicidade da empresa junto aos membros da imprensa católica na divulgação do filme.

O filme continuou a ser bem comentado nas páginas do jornal, retomando as mesmas ressalvas feitas por Frei Pedro Sinzig. Quando foi anunciada a última exibição do filme, no dia 21 de junho de 1926, nos cines *Polytheama* e *Majestic*, o jornal fez um apelo aos leitores, ressaltando que ninguém deveria perder o filme, já que a fita iria para o Maranhão no dia seguinte. O jornal ainda noticia o acordo feito entre o senhor Pedro Soares Germano e a empresa Ribeiro para baixar o preço do ingresso para 2\$200 réis. No último anúncio do filme lê-se: “quem é que, por tão insignificante quantia deixará de assistir ao maior monumento cinematographico?” (O NORDESTE, 21/06/1926).

É interessante como o discurso da Igreja de censura sobre determinadas películas cinematográficas consideradas pelos clérigos como sendo ofensivas à moral e aos bons costumes era algo que era constantemente reafirmado em artigos nos jornais de orientação católica. No entanto, como houve crescimento do público em torno das sessões cinematográficas, a partir da década de 1910, Igreja passa a construir um discurso mais elaborado e apropriando-se de opiniões de outras áreas do conhecimento no intuito de fundamentar melhor suas afirmações, além de criar salas próprias de cinema, no intuito de fiscalizar o que era visto pelo público nos cines. A apropriação não ocorre somente com o aparato técnico, mas também da sua linguagem, discorrendo nos jornais com uso das propagandas para definir o que seria aconselhável de ser visto pelos fortalezenses.

Referências bibliográficas:

- ALCANTARA, Maria de Lourdes Beldi de. **A entrada da Igreja no escurinho do cinema.** A censura católica ante a produção cinematográfica do anos 20 aos 60. 1997. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- CHINIGO, Michel. **Pio XII e os problemas do mundo moderno.** São Paulo: Editora Melhoramentos, 1959.
- LEITE, Ary Bezerra. **Fortaleza e a era do cinema.** Pesquisa histórica. 1891 – 1931. 1v. Fortaleza: SECULT, 1995, p. 205.
- MANGUEL, Alberto. **No bosque do espelho.** Ensaios sobre palavras e o mundo. São Paulo: Companhia das letras, 2000.
- NOBRE, Geraldo. **Introdução à história do jornalismo cearense.** Fortaleza: NUDOC - UFC / Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.
- STEYER, Fábio Augusto. **Cinema, imprensa e sociedade em Porto Alegre (1896-1930).** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

Notas

¹ Manoel Antonio de Andrade Furtado nasceu em 1890, em Quixeramobim, Ceará. Formado em Direito em 1915, tornou-se professor da Faculdade de Direito do estado do Ceará anos depois. Em *O Nordeste*, foi redator-chefe por 40 anos. A figura de Andrade Furtado foi bastante pautaada na defesa dos valores católicos, o que conciliava com os interesses da Arquidiocese de Fortaleza, contribuindo assim para o seu apoio à empreitada deste periódico.

² O filme *Castidade*, que em inglês se chamava *The Girl O'Dreams*, foi produzido em 1915 pela American Film Co., e dirigido por Willian Pigot, ganhou destaque por sua atriz principal Audrey Mundson, que também trabalhava como modelo corporal, posando para a criação de diversas estátuas na cidade de Nova Iorque. Sua atuação no cinema ficou caracterizada por ter sido a primeira atriz a exibir o corpo desnudo no cinema, ainda que não fosse frontal. Os filmes desta atriz eram seguidos de polêmicas em relação à exposição de sua nudez.

³ Os Dez Mandamentos. Produção: Paramount, Estados Unidos: 1923. Este filme é dividido em duas partes. A primeira parte mostra a história de Moises, da libertação do povo hebreu do cativo do Egito, até a entrega dos



dez mandamentos por Deus. A segunda mostra a relação das pessoas com os ensinamentos de Deus na vida moderna.

⁴ Frei Pedro Sinzig foi franciscano no convento do sagrado coração de Jesus, em Petrópolis, e foi um dos principais colaboradores da revista católica *Voices de Petrópolis*, exercendo atividades de jornalista e escritor. Muitos de seus artigos publicados na revista falavam da necessidade de uma maior “disciplinarização” do cinema para utilizá-lo como agente propagador do catolicismo, pois para o Frei o cinema era visto como uma “maravilha da técnica moderna” que não podia passar despercebida pelos católicos, mas que deveria ser moralizada. Sinzig foi responsável também pela criação da *Liga antipornográfica da união católica brasileira*, formada por um grupo de 10 pessoas que fiscalizava os cinemas e assistia aos filmes, passando suas impressões para o Frei, que por telefone, comunicava à delegacia de polícia para que esta tomasse as medidas de cortar ou proibir a exibição de determinado filme quando necessário.